

STEFANY BORBA



O BEIJO DO ASSASSINO

NO COLÉGIO MAIS EXCLUSIVO DA CIDADE, SEGREDOS CUSTAM CARO
— E ALGUÉM JÁ PAGOU COM A PRÓPRIA VIDA.

STEFANY BORBA

O BEIJO DO ASSASSINO

“Os que flertam muito bem com as palavras
podem rapidamente torná-las devassas.”
– Noite de Reis, de William Shakespeare.

ATO I: O CORPO

1

ANA FLOR

Dezembro

Meu peito sobe e desce em espasmos irregulares, o ar entrando e saindo em puxadas curtas e rasgadas. Meus músculos doem e minhas pernas tremem. O silêncio pesa agora no meio da luz fraca e amarelada daquele banheiro enorme, abafado pelo cheiro úmido do sabão ressecado e mofo. Estou esmagada contra a porta de madeira, meus ombros pressionados como se fosse o suficiente para impedi-lo de entrar. Ainda sinto aquele cheiro do lado de fora. Terra. Apodrecimento. Sangue? Não, não. Era só... a visão. Aquele pedaço de pele sem cor emergindo da terra, os dedos duros, imóveis. O cheiro está na minha cabeça. Ele não vai embora.

A única coisa impedindo meu colapso total é o peso quente e trêmulo de Ketchup, enterrada contra mim, tremendo, emitindo

pequenos ganidos abafados. Eu a seguro mais forte e ela sente. Ela sabe! Talvez cachorros tenham esse instinto para o medo. Ou quem sabe seja só porque minhas mãos apertam seu corpo gordinho com tanta força que meus dedos doem.

– Porra, Ana! Você sabe que eu não faria isso!

A voz de Ravi do outro lado, cortando o silêncio, afiada e cheia de exaustão. Já é a quinta vez. No começo, ele gritava e batia. A madeira chegou a vibrar contra minhas costas, mas agora... agora sua voz soa oca e desacreditada. Como se nem ele mesmo tivesse certeza do que está dizendo.

A sirene cresce ao longe, um uivo agudo e implacável que se aproxima como um predador. Ravi a ouve. Sei disso porque o silêncio dele muda. A respiração pesada se torna entrecortada, como se o peso da situação tivesse aniquilado qualquer argumento que ele pudesse ter.

Ouçó ele chorar.

Uma porta se escancara com um estrondo. Passos firmes invadem a casa, ordens dadas com vozes duras. O som do clique metálico de uma arma sendo destravada.

– Ela é doida! Eu nunca faria isso! Eu nunca... – A voz dele some em um soluço.

Me levanto. Minhas pernas são gelatina. Ketchup salta dos meus braços assim que a porta se abre e dispara para a sala, latindo e rosnando para os intrusos, mas eles não ligam. Eles não estão aqui por ela.

O policial que agarra Ravi pelo braço é alto, de feições duras e um olhar de tédio profissional. Como se já tivesse feito isso milhares de vezes.

– Ravi de Albuquerque Bratan, você está preso pelo assassinato de Clarice Andrade de Sousa...

O nome ressoa no ar como um trovão abafado. Os olhos de Ravi encontram os meus.

Há raiva ali. Queimando, ardendo em sua íris escura como brasa prestes a explodir em chamas.

– Você é louca, Ana! Vocês duas são... caralho! – O grito dele se desfaz no meio do ar enquanto os policiais o arrastam para longe.

Alguém se aproxima de mim. O salto do coturno estalando no piso de cerâmica. A policial é pequena, magra, de cabelos curtos escuros. Parece frágil, mas sua postura é rígida, cada músculo em alerta, como se pudesse derrubar um batalhão de criminosos sem precisar piscar.

Ketchup avança, rosnando, suas patas curtas e firmes se plantando no chão.

– Ana Flor Orsini? – A voz da policial é suave, mas há uma firmeza subjacente, um aviso silencioso de que nenhuma resistência será tolerada.

Eu balanço a cabeça. Não há palavras na minha garganta. Nem forças.

– Preciso que me acompanhe até a delegacia para prestar depoimento – ela continua, inabalável. – Tenho certeza de que seus pais estarão te aguardando.

Pais. É raro esse sentimento, mas hoje a palavra parece pairar no ar, trazendo um certo alívio, substituído pela angústia da certeza de que eles não estariam lá, mandariam a advogada.

Meus olhos encontram a porta escancarada da casa. Do lado de fora, luzes vermelhas e azuis giram e piscam, banhando o mundo em um caleidoscópio distorcido. Eu inspiro e dou os primeiros passos para sair dali.



2

ANA FLOR

Novembro

Era para ser apenas mais um dia de aula. Outro dia comum em meio ao caos cotidiano de um colégio de elite, onde escândalos eram apenas parte da rotina. Clarice tinha desaparecido fazia uma semana. No início, houve alarde, especulações, sussurros nos corredores, mas, como tudo naquele ambiente, a comoção durou pouco. Sempre havia uma fofoca nova para preencher o vazio – o pai de alguém foi internado em uma clínica de reabilitação, a mãe de outro exagerou no Botox, um professor vazou informações sigilosas de alunos. No fim, ninguém parecia realmente se importar com a aluna de classe social inferior desaparecida, filha do professor de matemática. Não por muito tempo. Até que uma ligação anônima mudou tudo.

O teatro da escola, local onde Clarice fora vista pela última vez, tornou-se uma cena de crime. Escondidos sob um fundo falso, encontraram roupas rasgadas, manchadas de sangue e uma faca. Ravi foi o primeiro suspeito, é claro, sempre vão no namorado da garota. Ele e Clarice tinham brigado feio em uma festa na casa dele, na frente de todos, dias antes do desaparecimento. As gravações de segurança mostravam Ravi entrando no teatro na hora do suposto crime, mas ele não estava sozinho. Eu também estava lá.

Agora, sentada na delegacia sob o olhar implacável do delegado Moretti, sabia que eles estavam tentando me ligar ao caso.

– Ana Flor, o que estava fazendo no teatro, às onze da noite? – Moretti repetia a pergunta pela terceira vez, os olhos escuros vasculhando meu rosto em busca de qualquer hesitação que pudesse denunciar uma mentira.

Na mesa à nossa frente, cópias impressas das filmagens me encravavam. Ali estava eu, entrando no teatro e saindo minutos depois, segurando minha câmera. Era isso. Nada mais.

Minha advogada pigarreou. Alta, imponente, sua postura rígida mostrava que ela sabia que essa conversa não levaria a lugar algum.

– Como já disse antes, o ensaio acabou tarde. Eu estava fotografando e esqueci minha câmera. Voltei para pegar, só isso – respondi, dando de ombros. Se minha mãe estivesse ali, já teria me arrastado para fora da sala, chamando toda aquela investigação de perda de tempo. Eu herdei sua impaciência. Talvez, por isso, meu tom ao responder tenha soado um pouco afiado demais.

Meus pais poderiam estar ali comigo, mas minha mãe estava ocupada com compromissos e meu pai em reuniões importantes. Ser filha de uma atriz famosa e um empresário do cinema significava que eu passava mais tempo com funcionários do que com eles.

Minha advogada trocou um olhar comigo antes de se pronunciar.

– Como minha cliente já informou, não há nada de novo a acrescentar sobre a noite do desaparecimento de Clarice. Isso é uma perda de tempo.

O delegado Moretti não parecia satisfeito. Ele balançava a perna, fazendo seu copo de café tremer na mesa, o olhar fixo em mim.

– Acredito que memórias podem surgir a qualquer momento. Por isso as perguntas repetitivas – ele disse, com a voz carregada, um tom que eu não soube decifrar.

– Você encontrou Ravi no caminho, não é? – perguntou, os olhos agora cheios de expectativa.

Meu coração pulou um batimento. Ravi ainda era o principal suspeito. Eu não deveria me sentir nervosa. Eu sabia que ele era um babaca mimado, mas seria capaz de machucar Clarice? Matá-la? Ela estava morta?

A gravação mostrava claramente o momento em que nossos caminhos se cruzaram na saída do teatro. Não havia como negar. Não nos falamos porque estávamos brigados. Eu sabia o que o delegado queria de mim.

– Isso está na gravação também – retruquei, tentando parecer indiferente.

– Ele não disse nada? Você não ouviu nada? – Moretti insistiu.

Aquela pergunta me deixou inquieta. Ele não parecia convencido de que essa era uma história simples, de que Ravi era o único culpado. Eu sabia que outras pessoas estiveram no teatro naquela noite, e eles também seriam interrogados.

Eu abri a boca para responder, mas minha advogada se adiantou.

– Chega, delegado. Viemos de bom grado, mas a família Orsini é muito ocupada. Peço que o senhor só entre em contato se houver algo de fato novo e relevante.

Os olhos de Moretti não deixaram os meus. Ele sabia que algo estava errado.

Eu me levantei, ajeitei a bolsa no ombro e segui minha advogada para fora da sala. Moretti nos acompanhou com o olhar. Silencioso e observador.

3

RAVI

Novembro

Era quase fim do dia, e às seis da tarde tinha começado a escurecer. A chuva forte tamborilava contra o teto do carro, misturando-se aos *flashes* incessantes das câmeras e aos gritos ansiosos dos jornalistas. Mesmo através dos vidros filmados, eu podia sentir a energia fervilhante da multidão do lado de fora, celulares erguidos como punhais, prontos para cortar qualquer pedaço da minha vida que ainda restava intacto.

O motorista, seguindo as instruções do advogado da família, deu meia-volta para entrarmos pelos fundos da delegacia. O caso era irresistível para a mídia. O filho do maior escritor de suspense brasileiro se tornou o principal suspeito no assassinato da namorada. O que antes parecia um drama adolescente inflado, agora se tornava um pesadelo real.

Meu pai, no início, chegou a achar graça, como se fosse um drama que no fim serviria de marketing para os livros dele. Quando a imagem de Clarice apareceu nos noticiários, com seu sorriso ingênuo estampado ao lado da palavra “DESAPARECIDA”, a expressão dele mudou. Assim que o pai dela e a irmã choraram ao vivo na televisão, meu pai ficou em silêncio. Quando encontraram sangue e uma faca no teatro da escola, ele parou de dormir.

Agora estamos aqui. No covil do delegado novato – que, para piorar, não fazia ideia de quem era minha família. Tudo parecia mais frio, mais impessoal. Diferente do antigo, que conhecia meu pai desde sempre, quase como um aliado silencioso... até se aposentar e desaparecer como se nunca tivesse existido. A sala de interrogatório era fria, com uma única lâmpada projetando sombras longas e inquietantes na mesa de metal. O delegado Moretti, um homem de feições duras e olhar aniquilador, segurava um copo de café enquanto me analisava. A sala estava silenciosa, mas o som do relógio na parede parecia um martelo batendo contra minha cabeça.

– Bom, Ravi, você foi o último a ver Clarice com vida depois do ensaio. – A voz dele cortou o ar como uma lâmina afiada.

– Meu cliente já declarou isso em seu último depoimento. – Julian, o advogado da família, se adiantou antes que eu pudesse responder. – Ele foi ao teatro porque ela o chamou e não estava lá.

Meu pai cruzou os braços, impaciente. Ele não olhava para mim, apenas para as imagens espalhadas sobre a mesa. Impressões de *prints* das câmeras de segurança. Eu estava ali e Ana Flor também. Estivemos naquele teatro naquela noite. Eu não era o único suspeito, mas era o mais conveniente. Principalmente depois que alguém, possivelmente um dos filhos da puta que eu chamava de amigo, revelou que eu e Clarice brigamos antes dela sumir.

– Nós temos novas evidências que indicam que Clarice pode ter sido machucada – Moretti disse, com os olhos fixos em mim.

Meu corpo inteiro se contraiu antes que eu pudesse evitar, não era segredo o que eles tinham, já tinha vazado na imprensa e era motivo de fofoca em todos os lugares. Só não sei como conseguiram.

– Eu não matei ela, tá? – A frase escapou antes que eu pudesse me conter. Meu advogado e meu pai me fuzilaram com o olhar. Eu sabia que deveria ficar calado, que eles haviam me treinado para esse momento, mas Moretti tinha algo em sua postura que faria até mesmo Buda perder o controle.

O delegado inclinou a cabeça, um sorriso frio se formando no canto da boca. Eu estremei, só conseguia pensar nas coisas que eu deixei para pegar no teatro. A merda da faca e do vestido não estavam lá quando eu fui buscar, mas agora foram parar nas mãos da polícia. Eu tenho certeza que limpei bem minhas digitais na faca, e só encostei no vestido com a sacola nas mãos.

– Interessante, Ravi. O que faz você pensar que Clarice foi assassinada?

– Eu... eu... – minha língua tropeçou nas palavras, minha mente vazia.

– O senhor tem alguma pergunta útil? Vai prender Ravi? – Juliano interveio, sua paciência se esgotando. – Ou isso é apenas mais um teatro? Meu cliente já respondeu a todas essas perguntas.

– Testemunhas viram você e Clarice brigando em uma festa. Sobre o que mesmo era a briga? – Moretti perguntou, folheando uma pasta grossa.

Eu já tinha respondido isso antes, mas agora, com ele me encarando como se soubesse que eu estava escondendo algo, era difícil manter a calma.

– Ciúmes. Uma coisa idiota. Brigamos, e ela foi embora de carro de aplicativo. – Dei de ombros, tentando parecer despreocupado.

– Ela tinha motivos, Ravi? Meu pai perguntou de repente. Todos os olhos se voltaram para ele que segurava uma foto borrada de Ana Flor saindo do teatro. Seu olhar perfurava a imagem, como se tentasse arrancar dela uma resposta.

– Sou eu que faço as perguntas aqui, senhor Bratan – Moretti rebateu, claramente incomodado com a interrupção, olhando para mim. – Por que Clarice estava com ciúmes, Ravi?

Eu já havia dado uma resposta vaga antes para aquela pergunta, dizendo que ela tinha ciúmes de tudo e isso não era bem uma verdade.

– Uma garota me beijou e ela viu.
– Quem seria essa garota? – Moretti perguntou, anotando algo em sua caderneta.

Engoli em seco.

– Minha ex-namorada. Ana Flor.

O delegado coçou a barba, pensativo. O silêncio na sala era sufocante. Meu pai e Juliano se entreolharam tensos. Antes que alguém pudesse dizer algo, uma batida soou na porta. Uma policial loira entrou, sussurrou algo no ouvido de Moretti. Seus olhos pareciam confusos e perdidos por um breve instante.

– Acredito que estamos liberados, Moretti? – Juliano se levantou.

O delegado assentiu lentamente, mas não tirou os olhos de mim.

– Por hoje, sim. – Sua voz carregava uma promessa implícita. Ele ainda não tinha terminado comigo.

Meu pai tocou meu ombro, me puxando para sair. Minhas pernas estavam trêmulas, mas eu respirei fundo e segui. No corredor, vi Ana Flor chegando acompanhada de sua advogada. Nossos olhares se cruzaram. Meu coração deu um salto. Lembrei-me do que ela me disse sobre Clarice antes de eu beijá-la naquela festa, enquanto olhava uma foto antiga nossa.

“Ela foi divertida por alguns dias, mas você se entedia fácil. Tenho pensado esses dias se o que a gente teve foi amor, ou obsessão.”

Eu a agarrei pelo braço e a beijei. A verdade é que eu queria sentir de novo o gosto daquela garota, já tinha dias que não parava de pensar na risada dela, no jeito que seus olhos brilhavam quando me desafiava. Talvez eu até tenha me envolvido com Clarice por saber o quanto aquilo poderia irritar Ana. Agora, parado ali, vendo a luz fria da delegacia iluminar sua pele negra, lisa e perfeita, o brilho sutil ressaltando seus traços marcantes, percebi o quanto ela ainda me afetava. Seus cabelos crespos estavam presos com perfeição em um coque elegante, sem um fio fora do lugar, como se até mesmo o caos ao redor dela estivesse sob controle. A postura ereta, a expressão calculada, a confiança silenciosa. Ana sempre soube exatamente quem era e como usar isso a seu favor. Nossos olhos se cruzaram por um instante e, naquele segundo, entendi: ela tinha razão.

Obsessão é algo muito mais denso do que amor, te queima, consome você. É perigoso e muito melhor.

No carro, depois de dispensar o advogado e o motorista, meu pai e eu seguimos em silêncio. O rádio tocava um dos seus velhos rocks, mas ninguém estava ouvindo. Meus olhos pousaram na tela do celular, na última mensagem de Clarice.

“Me encontra no teatro, depois do ensaio. Quero que a gente fique bem. Quero fazer as pazes, ser o tipo de garota que você gosta.”

Eu achei que sabia o que ela queria dizer. Achei que me daria bem naquela noite, mas se eu tivesse apenas ignorado a mensagem, se tivesse ficado em casa... eu não estaria no meio desse pesadelo.

4

CLARICE

Agosto

O sol ainda não havia atingido seu auge, mas a claridade dourada refletia nos prédios de vidro e metal, tingindo a fachada do Colégio Cidade do Futuro com um brilho quase intimidador. O portão negro e imponente se erguia à minha frente, adornado com arabescos e um brasão prateado, as letras sofisticadas reluzindo sob a luz da manhã. Apertei a alça da mochila. Não deveria estar nervosa, mas estava.

Peguei carona com meu pai, que também seria meu professor de agora em diante. Ele dirigiu o caminho inteiro em silêncio, como sempre fazia quando começava a pensar demais sobre algum problema da vida adulta. Admito que andar pela cidade dentro do carro, com uma música antiga tocando baixo, sem ter que puxar assunto com ele, não é exatamente ruim, porque o caminho me dá alguns

minutos para respirar e organizar os pensamentos antes de entrar em um universo completamente novo. Enquanto observava a grade curricular da nova escola, percebi que vou precisar me esforçar muito para conseguir me manter ali e, principalmente, para alcançar meu objetivo, algo que, sendo honesta comigo mesma, não tem nada a ver com a oportunidade de aprender novas línguas estrangeiras ou com possíveis atalhos para as melhores universidades do Brasil e do exterior.

Por causa do trabalho de minha mãe e esforços do meu pai, não posso dizer que vivemos em meio a uma catástrofe financeira, já que tenho meus privilégios e algumas regalias típicas de alguém de classe média. Dependendo do momento, existe sempre uma linha tênue entre aquilo que conseguimos pagar com tranquilidade e o que só é possível alcançar com muito sacrifício. Isso faz com que eu esteja longe de viver a mesma realidade que a maioria dos outros alunos daqui. Ao ver os carros se acumulando na entrada, tive certeza disso. Motoristas desciam apressados de carros importados brilhantes, carregando mochilas e cafés, enquanto seus jovens patrões saíam sem sequer lhes dirigir um olhar. Dei um passo hesitante à frente. Foi quando dois garotos passaram correndo, e o impacto me fez recuar.

– E essa doida parada na entrada? – murmurou um deles, sem disfarçar o desdém.

O outro me avaliou de cima a baixo, com uma expressão de quem acredita, sem o menor constrangimento, que está sempre um degrau acima de pessoas como eu. Depois disso, ambos seguiram em frente, sem olhar para trás, e eu engoli em seco, parece que eles sempre sabem, sem esforço algum, quem pertence a esse mundinho e quem está apenas de passagem.

Não esperava um tapete vermelho na minha chegada, mas alguma coisa se revirou dentro de mim ao perceber como as regras daquele lugar eram silenciosas e inquebráveis. Aqui, eu sempre seria a intrusa. Mesmo assim, nada disso me faria desistir, eu precisava manter o foco, e seguir com meu plano.

Atravessei os portões, sentindo os olhares queimando nas costas. O jardim imperial se estendia à minha frente, com arbustos

meticulosamente podados, caminhos de pedra branca e bancos de madeira rústica que pareciam nunca ter sido usados. Os prédios acinzentados e praticamente idênticos, dispostos em um quadrante perfeito, erguiam-se ao meu redor com uma frieza imponente e, diante deles, sentia minhas mãos suarem enquanto caminhava em meio a tantos desconhecidos. À medida que observava aquelas entradas todas iguais, o mundo parecia girar, e a sensação de estar perdida se intensificou, como se apenas eu não soubesse para onde ir. Enquanto tentava lentamente absorver tudo ao meu redor, tive a impressão de que as estruturas queriam me engolir, com entradas que na minha mente pareciam bocas cheias de presas. Ao mesmo tempo em que o sol fazia minha pele arder, meus ouvidos se esforçavam para decifrar conversas soltas e nomenclaturas jogadas ao acaso pelas bocas daqueles adolescentes, na esperança de identificar para onde eu deveria ir. O som distante de sirenes se misturou ao burburinho do lugar e, pouco a pouco, todos começaram a seguir para os lugares certos, menos eu, que acabei me deixando ser levada aleatoriamente até entrar em um dos edifícios, segurando com força a alça da minha mochila surrada, como se ela pudesse me tornar invisível.

Assim que cruzei o corredor revestido de mármore, soube que algo estava errado, e o silêncio cortante, seguido por olhares demorados com sussurros, confirmaram isso. A palavra “pobre” deslizou pelos lábios de alguns alunos como se fosse um insulto, um código interno e minha mão começou a suar. Eu peguei uma lata de Coca-Cola na mochila, apertando o alumínio gelado contra a pele antes de abri-la. O tecido preto desbotado da bolsa, assim como as alças desfiadas, eram pequenos detalhes que gritavam que eu não pertencia àquele ambiente. Eu até poderia comprar outra, mas nunca vi sentido em gastar dinheiro com algo novo se a que tenho, além de ser bonita, ainda cumpre bem a sua função.

Ao olhar mais ao redor e perceber a forma como os outros me encaravam, como se eu fosse algo nojento saído de *A metamorfose*, do Kafka, entendi que aquele era o prédio de aprendizado avançado, o *Academos*: luxuoso, exclusivo e reservado à nata da nata. Porque, sim, mesmo entre a elite paulistana ainda existiam subdivisões.

Se esse era um lugar para os que estavam acima até mesmo dos outros privilegiados, definitivamente não era ali que eu estudaria neste semestre.

Me virei rápido demais para sair dali, o mais rápido possível, porém tropecei. O barulho ecoou no corredor. A lata escapou dos meus dedos, o líquido escuro voou antes de atingir com precisão cibernética a blusa impecavelmente branca de uma garota. O tempo pareceu desacelerar e o silêncio absoluto me assustou. A menina, que já parecia nervosa com algo, congelou, olhando a mancha que se espalhava pelo tecido.

– Porra, garota! – A voz saiu baixa, porém cortante como uma navalha afiada. Cada sílaba carregava um peso calculado, como se estivesse se segurando para não gritar. – Você acabou de estragar a minha roupa! Qual o seu problema?

Ao lado dela, um garoto observava a cena com aparente tédio, mas sem desviar os olhos. Alto, cabelos ondulados levemente desgrenhados, olhos escuros e intensos, embora tentasse manter uma postura de despreocupado. Seu semblante parecia sugerir que já havia presenciado esse tipo de confronto antes – e que, de alguma forma, aquilo o divertia. Ele deu um passo na minha direção e aquele simples movimento fez a garota cerrar os punhos ao lado do corpo. Notei os ombros dela ficando tensos.

– Você tá bem? – O tom dele era genuíno, sem pressa ou hesitação.

A resposta ficou presa na minha garganta quando a menina pigarreou, chamando a atenção de volta para si, com as mãos na cintura fazendo com que os dedos longos e perfeitamente pintados pressionassem o tecido impecável da saia. Seu olhar se voltou para o garoto por um instante, carregado de algo que eu não conseguia decifrar, mas percebi rápido que a tensão entre aqueles dois era quase sufocante.

Por fim, ela soltou uma risada seca, sem humor, e me encarou. O olhar varreu meu rosto, depois deslizou por minha roupa, foi até minha mochila e terminou na latinha amassada no chão.

– Está perdida, né, querida? – A pergunta veio carregada de falsa doçura, mas não esperou resposta.

Ela girou nos calcanhares e abriu o armário de metal com uma naturalidade ensaiada. Foi nesse instante que reparei na plaquinha fixada na porta: rosa, polida e com o nome gravado em prata: Ana Flor Orsini.

Lá dentro, tinha uniformes dobrados com perfeição, cabides de madeira, uma *nécessaire* cara, um espelho grande e uma fileira de perfumes importados. Reparei também na foto emoldurada dela com pessoas que só podiam ser seus pais, todos na imagem com sorrisos milimetricamente planejados. A garota pegou outra blusa e simplesmente começou a trocá-la na frente de todo mundo. Os outros não pareciam estranhar, ou achar escandaloso ver uma adolescente de sutiã no meio da escola, e aos poucos foram se dispersando, enquanto o menino, que por alguns segundos eu quase esqueci que ainda estava ali, revirava os olhos para Ana.

– Você provavelmente está no prédio Logos. É o do lado. Posso te acompanhar. – Ele se ofereceu após o silêncio constrangedor.

– Tenho certeza de que a ruivinha sabe se virar. – Ana cruzou os braços, agora vestida. O tom de deboche era afiado. – Se ela acredita que tem QI para estudar nesta escola, deve conseguir achar o prédio certo.

Os dois se encararam e novamente o ar ficou pesado. Eu me senti uma espectadora de algo que não queria participar, agarrei a mochila, pronta para fugir dali.

– Olha, não que seja da sua conta, mas sim, acredito que tenho QI para estudar aqui. Meu pai é professor de matemática de vocês, e ele me ensinou mais do que que imaginam. – Não consegui correr para fora dali sem antes me defender.

Ana Flor engoliu em seco enquanto fazia um ruído com a garganta de quem tentava esconder que tinha engasgado com a própria saliva, já o menino, por sua vez, respirou fundo e pareceu se divertir um pouco com a reação dela.

– É o que eu sempre te digo, não seja tão víbora com pessoas que você nem conhece.

Essas foram as últimas palavras que ouvi da conversa daqueles dois.

Ouvi o som do primeiro sinal ecoando e fazendo meus olhos, agora menos deslumbrados e mais atentos, acharem o prédio certo.

Ao entrar no Logos, corri direto para a sala que indicava ser a do 2º ano D, e percebi que só tinha um lugar vago no fundo. Uma garota de unhas longas e pretas, que usava lápis de olho marcado demais, arregalou os olhos ao me notar, mas depois acenou para mim.

– Não é fácil ser nova por aqui, né? – Ela me falou assim que me aproximei da cadeira vazia ao seu lado.

– Nem um pouco.

– Senta aí e relaxa – a menina falou tentando dar um sorriso, e apenas nesse momento percebi que eu ainda estava tensa e de pé.

– Tenho a sensação que já te vi antes, sabia? Deve ser impressão minha. Aliás, preciso falar que gostei da sua pulseira – ela apontou.

Pisquei para a minha nova colega e me juntei a ela.

– Obrigada, foi presente da minha mãe... – Os berloques de prata brilharam discretos, e eu me vi de volta em casa, pouco depois da separação, com duas caixinhas idênticas de uma daquelas joalherias caras de shopping. Quase a repreendi por gastar tanto dinheiro com algo que me pareceu supérfluo, mas, quando vi os pingentes em forma de máscaras de teatro e de livro, compreendi. Não era um impulso, nem um luxo vazio comprado num momento em que ela estava ganhando mais dinheiro. Era um gesto. Um símbolo silencioso de tudo o que nos unia. Há presentes que não se usam apenas no corpo; eles existem para lembrar, sem palavras, que somos amadas. Desde aquele dia, prometemos que a pulseira passaria a fazer parte do meu uniforme pessoal. Voltando à Juliana, achei legal seu estojo com seu nome em lantejoulas.

Assim que abri meu caderno, uma mulher idosa e carrancuda entrou, um pouco atrasada, segurando livros. Fiquei feliz por não ter chegado depois da professora. O olhar dela dizia tudo: estava a um passo de se aposentar e não aguentava mais lidar com adolescentes mimados. Quando a senhora, respirando fundo, jogou os livros na mesa, Juliana se inclinou na minha direção enquanto encarava a professora com uma evidente desaprovação.

– Português sempre foi minha matéria favorita até a dona Zuleide estragar ela para mim – sussurrou.

* * *

O almoço finalmente chegou depois de uma manhã exaustiva. Cada aula parecia um lembrete impiedoso de que, por mais que eu tenha sido uma das melhores alunas na minha antiga escola, aqui eu precisaria me esforçar muito para, no mínimo, ser mediana. O peso dessa constatação me deixou desgastada. Sem muita energia para pensar, apenas segui Juliana, a única pessoa que demonstrara alguma simpatia por mim.

Quando percebi, estávamos novamente no prédio dos alunos especiais, mas dessa vez, em um espaço ainda mais exclusivo: a praça de alimentação particular. Diferente do refeitório comum, onde os alunos podiam comer o prato do dia, incluído na mensalidade absurda da escola, aqui tem mais opções, só que tinha que pagar, e não era nada barato.

Juliana parecia relaxada, mas havia algo em seus ombros rígidos que entregava algum incômodo.

– Todo mundo está encarando a gente – murmurei, tentando ignorar os olhares de relance. – Péssima ideia.

– Não é proibido comer aqui – ela retrucou, dando de ombros. – E hoje caiu o vale-refeição do meu pai. É meu dia de luxo, deixa que eu pago seu almoço. Quero que esses idiotas vejam que não vão levar a melhor.

– Não precisa! Meu pai me deu uma grana – comentei enquanto abria o cardápio do lugar. Uma salada simples com frango custava uma pizza inteira, das mais caras, no meu bairro.

Antes que eu pudesse escolher algo, um movimento à nossa direita chamou minha atenção. Ana Flor, a menina metida, e o garoto que estava com ela mais cedo passaram por nós. Agora eles estavam cercados por outros alunos, o que parecia fazer com que estivessem propositalmente ainda mais distantes um do outro. Esses dois tinham algo não resolvido e mesmo à distância dava para ver uma eletricidade no ar quase os unindo.

No meio deles, uma garota de pele marrom e cabelos *chanel* lisos ria baixinho enquanto mostrava algo no celular para um menino ao seu lado. Fisicamente, ele se parecia com ela, deixando claro que eram irmãos, mas enquanto ela era a personificação de uma daquelas

personagens chatas de séries estadunidenses sobre adolescentes ricos, com um visual totalmente *it girl*, ele seguia por um caminho mais alternativo. Usava uma camiseta de uma banda japonesa, botas de couro bem gastas e pulseiras de metal que tilintavam levemente ao se mover. Enquanto todos daquela mesa pareciam achar graça de algo, o menino alternativo pegou o celular das mãos da irmã e chamou a atenção do garoto que me defendeu mais cedo, discutindo com a menina esnobe. Isso me fez notá-lo novamente e, quando percebi, eu o encarava sem nem me dar conta. Assim que ele bufou irritado para algo no aparelho estendido à sua frente, olhando em nossa direção, não demorou para que nossos olhares se encontrassem.

Ele não parecia surpreso, como se já soubesse o tempo todo que eu o estava observando, e isso só fez com que um sorriso lento se formasse em seus lábios. Era um daqueles sorrisos que deixam claro que ele tinha plena consciência do efeito que causava, o que acendeu uma fagulha de alerta dentro de mim. Eu já conheci esse tipo antes e sabia muito bem como essa história terminava. Caras como ele são confiantes, carismáticos e perigosos de um jeito que nem sempre é óbvio, mas que, no final, acaba custando caro para quem se deixa levar. Uma garota esperta desviaria o olhar e deixaria aquilo quieto, mas eu não podia fazer isso. Eu não queria.

Um cotovelo cutucou meu braço e, ao me virar, vi que era Juliana chamando minha atenção. O garçom colocava nossos pedidos na mesa. Em algum momento eu acabei apontando para a salada no cardápio, distraída, quando alguém perguntou o que eu queria e já até tinha me esquecido disso. Meu estômago roncou, parecendo emitir o som do desânimo que senti ao ver nossos pedidos. Um hambúrguer suculento com batatas douradas e uma soda italiana para minha nova colega, enquanto, para mim, restava apenas a minúscula salada *caesar* do cardápio.

Juliana desviou a atenção para o prato, mas a rigidez de seus movimentos deixava claro que algo ainda a incomodava. Percebi que aquele garoto ainda olhava na nossa direção e, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela suspirou, como se já soubesse exatamente no que eu estava pensando.

– Um conselho para qualquer novato que eu daria é: não se misture com aqueles ali – disse, sem erguer os olhos. O tom era firme, demonstrando seu ressentimento.

Enquanto comíamos, o desconforto inicial foi diminuindo e, em um gesto quase distraído, Juliana empurrou as batatas dela na minha direção. Eu hesitei por um segundo, mas aceitei sem argumentar muito, pois sabia que ficaria com fome se passasse o resto do dia só com aquela salada. O olhar dos outros alunos ao redor, que antes pareciam perfurantes, foram se desviando aos poucos, e o incômodo que havíamos causado com nossa presença no início se dissolveu até se transformar em mera insignificância. Em questão de minutos, éramos invisíveis, mas mesmo com o ambiente voltando ao seu ritmo normal, ainda conseguia sentir os olhares dos dois adolescentes de hoje cedo pousando sobre mim de tempos em tempos. Hora ele; hora ela.

– São os mais populares. – Juliana apontou o grupinho. – Clichê, né? Mas é isso. – A menina disse alto o suficiente para o grupo atento ouvir, fazendo um gesto amplo, como se englobasse todo o salão. – Tem gente mais rica do que eles, mas por algum motivo, aqueles quatro são idolatrados. Ravi, Ana Flor e os gêmeos, Pietra e Leandro.

Juliana revirou os olhos e mordeu seu hambúrguer. Minha salada era tão pequena que terminei em minutos. Mesmo com as batatas, eu percebi que a fome voltaria antes da aula de teatro acabar e não dava mais tempo de passar no refeitório do Logos para pegar algo extra. Minha mais nova colega terminou o lanche e apertou o guardanapo entre os dedos, enquanto limpava a boca com um gesto lento, quase mecânico. Seus olhos não estavam mais focados em mim, mas sim em algum ponto distante.

– Todo semestre eles escolhem alguém – sua voz firme, carregada de um tom indiferente que não combinava com o brilho tenso em seu olhar –, algum coitado. Primeiro, se aproximam. Depois, quando a pessoa menos espera, fazem da vida dele um inferno.

Sem conseguir evitar, volvei meu olhar para a mesa no fundo e fui invadida por um arrepio gelado. Ana Flor me observava, os olhos cinzentos agora presos aos meus, carregados de algo indecifrável.

Lentamente, ela levou um morango aos lábios, mordendo a fruta com uma precisão exagerada. Seus dedos se moveram de um jeito calculado, como se quisessem garantir que eu notasse suas unhas longas e afiadas, quase como garras.